

humanitas



Vol. LXIII
2011

como contributo para o avanço do conhecimento na área dos Estudos da Antiguidade Clássica, da Filologia Grega e Semítica, dos Estudos Orientais, da Filosofia, da História Comparada das Religiões, da História da Igreja, da Exegese Bíblica, da Teologia, da Musicologia e, neste âmbito, de modo especial, da Organística.

MANUEL FERRO

APULEIO, Conto de Amor e Psique, introdução, tradução do latim e notas de Delfim Ferreira Leão, Lisboa, Biblioteca Editores Independentes, 2010, 123 pp., ISBN: 978-989-8231-17-8.

Depois da publicação da tradução de *O burro de ouro* de Apuleio (Cotovia, 2007), Delfim Leão deu ao prelo, a partir da edição do texto latino (estabelecido por D.S. Robertson: *Apulée. Les Métamorphoses, II*, Les Belles Lettres, Paris, 2002, 7^a ed.), a tradução do *Conto de Amor e Psique*, parte integrante do referido romance, mas cuja estrutura formal e conteúdo autonomizável da totalidade da obra permitem oferecê-lo ao público de forma independente. A introdução que precede a tradução, em parte comum à introdução apresentada na versão portuguesa do romance de Apuleio, não descarta, no entanto, a relação do Conto com a obra, bem como outros aspectos de relevância para a contextualização do romance na época da sua produção e na cadeia intertextual em que se situa. A opção por incluir o desenvolvimento de um tópico (pp. 11-15), que versa as possíveis relações entre os dois romances da literatura latina (o de Apuleio e o *Satyricon* de Petrónio) e entre o *Burro de Ouro* e o seu modelo de grego (*Lúcio ou o burro*, atribuído a Luciano de Samósata) demonstra bem a preocupação de fornecer ao leitor a tradução do Conto, integrada no contexto do romance e dos elementos centrais que presidem à sua discussão crítica. DFL inclui também, na introdução, os dados biográficos do autor (pp.15-19), tópico que, no tocante a Apuleio, nunca se esgota em uma relação cronológica. Com efeito, se as tendências de uma leitura biografista de *O Burro de ouro* estão hoje desvalorizadas, tal não obsta a que elementos como a relação de Apuleio com a religião isíaca e a sua filiação platónica, no campo da filosofia, a que se junta também o famoso passo em que Lúcio, o protagonista da narrativa, se identifica como ‘madaurense’ ou de Madaura, cidade-natal de Apuleio, têm contribuído para o associar da mensagem do

romance e do percurso do herói do romance ao próprio percurso de Apuleio, na qualidade de possível iniciado nos Mistérios isíacos – uma questão que, como observa DFL, «remonta já à Antiguidade e tem acompanhado sempre a polémica à volta da interpretação do romance» (p.18). Também o título da obra merece uma breve reflexão na introdução de DFL (pp. 19-22), que explora, entre outros elementos, a opção pelo consagrado *Asinus aureus* em detrimento daquele que muito provavelmente seria o título originário (*Metamorphoseon libri*). De igual forma, a datação e as inúmeras relações que esta questão suscita com o arquétipo grego são discutidas entre as páginas 22 e 27: além da discussão do testemunho de Fócio, Patriarca de Constantinopla, sobre Lúcio de Patras, a comparação entre as obras de Luciano e de Apuleio permite concluir sobre a dilação diegética e de significação da obra de Apuleio em relação aos seus possíveis modelos. Entre as páginas 27 e 30, o Autor faz a sinopse da obra, para depois se centrar no *Conto de Amor e Psique* (pp. 31-37). Neste particular, a análise da *bella fabella* feita por DFL centra-se nos elementos que proporcionam ao leitor um entendimento do contexto em que surge (relação com a narrativa de Cárite, anterior e posterior ao conto) e na relação com a macro-estrutura do romance. Neste capítulo, são alvo de referência as semelhanças do percurso de Lúcio e de Psique: queda motivada pela *curiositas*; percurso agreste que, platonicamente, corresponde a um processo de amadurecimento; ascensão proporcionada pela conquista do Amor. De igual forma, chama-se também a atenção para os elementos e as influências que estiveram na base da criação do Conto e que o seu desenvolvimento ecoa de forma expressiva (pp. 33-34): o conto popular (e muito particularmente a evocação de *Cinderela*); a tradição mitológica e popular greco-latina, a filosofia de matriz platónica, «que sustenta a leitura alegórica do conto enquanto manifestação da vontade imensa, própria da alma humana (Psique), de atingir a dimensão divina e a realização de um amor sublime» (p. 33); a tradição artística «que buscava no mito de Eros e Psique uma fonte inesgotável de inspiração traduzida em múltiplas variantes, que iam desde a cumplicidade e harmonia de eternos amantes, até ao tormento e angústia da separação» (p.34). Por fim, também o desfecho do conto merece a observação, pertinente para o seu entendimento global, no tocante ao significado de *Voluptas*, fruto da união entre Amor e Psique, que DFL traduz por «Sensualidade», na tentativa de introduzir a dimensão erótica que o consagrado «Alegria», que tem a vantagem de estabelecer paralelo com o final do romance e da odisséia de Lúcio, todavia não contempla.

Exemplos como o mencionado abundam na narrativa de Apuleio e constituem, a par da intrincada sintaxe, uma das maiores dificuldades que se põem ao tradutor. Neste aspecto particular, a tradução de DFL oferece grandes satisfações. O conhecimento do texto latino, bem como da sua discussão crítica, da bibliografia e das teses em conflito sobre aspectos concretos do texto reflectem-se na tradução coerente e elegante, que traduz a vivacidade e a complexidade do texto de Apuleio e a sua linguagem multifacetada, simultaneamente concreta e alegórica, idílica e filosófica, conceptual e poética. Para terminar, resta saudar a publicação isolada do conto cujo interesse ultrapassa as fronteiras que confinam os valores de uma leitura recreativa. Na verdade, além de estrutura que cristalizou no tempo, sob forma escrita, elementos e segmentos narrativos oriundos da cultura popular, entrelaçados com complexos conceitos filosóficos, cruzados ainda com uma intencionalidade alegórica, o *Conto de Amor e Psique* constitui-se igualmente como uma das narrativas-base da longa cadeia intertextual da literatura ocidental – percepção a que a sua publicação autónoma dará certamente reforço.

CLÁUDIA TEIXEIRA

ARÁTOR, *História Apostólica. A Gesta de S. Paulo*. Tradução do Latim, introdução e notas de José Henrique Manso. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010, 126 pp. ISBN: 978-989-8281-60-9; ISBN Digital: 978-989-8281-61-6 [Classica Digitalia Vniuersitatis Conimbrigensis].

O autor deste trabalho apresenta uma introdução onde aborda duas temáticas (recepção do autor e o seu percurso de vida), tendo, em seguida, a tradução anotada de *A Gesta de S. Paulo* em que inclui algumas epístolas, que habitualmente acompanham o poema: duas a abrir e uma a encerrar. Surge ainda uma lista bibliográfica e um sempre útil índice onomástico que, no entanto, aparece limitado ao texto da tradução, com exclusão dos *tituli*, e não abrangendo a introdução.

Tratando-se de um autor medieval que tem poucas referências na bibliografia nacional é, naturalmente, de saudar o aparecimento deste livro que, com excepção de alguns pormenores que adiante apontaremos, surge de forma séria e consistente.